

GUERRA DAS IMAGENS E MEMÓRIAS ENXERTADAS: MONUMENTOS, MUSEUS E MEMÓRIAS HISTÓRICAS EM CONFLITO

Alexandre Fernandes Corrêa¹

RESUMO: Comunicação sobre a pesquisa Teatro das Memórias (CNPq/UFRJ) enfocando o conceito de “guerra das imagens” de Serge Gruzinski utilizado nos seus estudos sociohistóricos no México. Comparando as realidades socioculturais mexicana e brasileira operacionalizamos o conceito agregado de “memórias enxertadas” a fim de compreender a lógica de ressurgências imagéticas no espaço sociopolítico atual. Trata-se de uma análise do gerenciamento político das imagens no teatro das memórias sociais, encenados por equipamentos culturais do tipo museus e monumentos históricos em espaços socioculturais urbanos nas grandes cidades ibero-americanas.

PALAVRAS-CHAVE: Museus, Monumento Históricos, Imagens, Memórias Sociais..

Nessa comunicação pretendo apresentar e aprofundar o diálogo entre os estudos culturais, as memórias sociais e pesquisas sobre imaginário social através da análise da produção imagética no campo sócio-histórico. Procurei destacar no estudo da política da imagem suas características semiológicas mais sobressalentes. Dito de modo mais específico trata-se aqui de uma introdução ao estudo da colonização do imaginário político brasileiro através de imagens históricas. Em palavras sucintas, vou traçar algumas linhas produzidas na montagem do quadro imagético nacional, pontuando momentos determinados desse processo: a) Independência (1822); b) Centenário (1922); c) Sesquicentenário (1972); e, d) Bicentenário (2022).

É uma pesquisa com marcos históricos de duração alargada a qual desenvolvemos desde o início da trajetória como pesquisador nos anos de 1990 até nossos estudos mais recentes sobre o IV Centenário de São Luís/MA ocorrido em 2012 e o bicentenário de Macaé/RJ. Dessa vasta pesquisa já publiquei diversos artigos em diferentes periódicos. Todavia, como não poderei me alongar na apresentação de toda a complexa rede de significados que se

¹ Professor Associado em Ciências Sociais e Coordenador do curso de Especialização em Humanidades da UFRJ Macaé. Doutorado em Ciências Sociais (PUC/SP). Membro efetivo do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais e Conservação (PPGCiAC/UFRJ Macaé). Líder do Grupo de Pesquisa *CRISOL Pesquisas em Humanidades, Estudos Culturais e Urbanos* (CNPq/UFRJ Macaé). E.mail: alexcorrea@ufrj.br

entrelaçam nesse vasto panorama que se estende em reflexões que invocam pesquisas sobre o longo ciclo de celebrações históricas, terei que traçar um roteiro mais circunscrito.

A verdade é que estas celebrações cívicas e histórico-políticas são incrementadas com as comemorações do Bicentenário de Independência dos Estados Unidos (1976). Com ela vão se incorporando também, nesse longo ciclo as celebrações no Ocidente, a Queda da Bastilha na Revolução Francesa (1989) e culmina com as comemorações da Descoberta da América (1992). No ano de 1992 em específico, apresentei um trabalho inaugural na USP no Congresso V Solar², no qual se efetuaram reflexões aprofundadas sobre as comemorações espetaculares do “Achamento” ou “Descoberta” do Brasil (2000).

Agrega-se a esse conjunto o ciclo das celebrações de Bicentenários da Independência dos países da América Latina, iniciado pelo Haiti (2004). País que por essa ousadia parece pagar um preço altíssimo, cobrado até hoje de sua população sofrida. Haiti foi o país latino-americano que mais cedo absorveu os impactos libertadores da Revolução Francesa de 1789.

Desse modo exposto o leque de acontecimentos históricos pontuais, o pano de fundo desse trabalho é bem amplo e não vou apresentar aqui aspectos mais minuciosos do trabalho de pesquisa para não tomar nosso tempo excessivamente. Portanto, escolherei um foco mais circunscrito.

A inquietação de base que sustenta a presente explanação recai sobre um trecho da entrevista do sociólogo Laymert Garcia dos Santos para a revista Fórum em 2013. Nessa ocasião diz:

(...) A esquerda brasileira nunca ter[ia] feito a crítica de fundo da mídia. E nem da tecnologia. A posição de esquerda de partidos, sindicatos etc. é de que os meios são neutros e tudo depende de quem se apropria dessa técnica e, portanto, quando chegar o momento de a esquerda estar no poder, se faz uma inversão de signos. Isso é o máximo que a esquerda pensou sobre essa questão, e há muitos anos venho pensando e batalhando por um outro entendimento, porque não é possível você considerar a tecnologia como algo meramente instrumental, quando ela modifica completamente todos os tipos de relação. A tecnologia, sobretudo depois da virada cibernética, mudou a vida, o trabalho e a linguagem. Ou seja, mudaram as relações. Nessas condições, se você não fizer uma crítica de fundo, vai acabar fazendo aquilo que critica em seu adversário, vai fazer isso achando que colocou um conteúdo de esquerda, mas as práticas serão as mesmas. Assim, vai ser tão manipulatório e antidemocrático quanto antes e, de certo modo, desconhecendo o próprio potencial que a tecnologia traz³.

² Nesse evento apresentei o texto *A Imagem Barroca de uma Civilização Latino-americana* (CORREA, 1992) que inaugura uma longa trajetória de pesquisas e estudos transitando até hoje passando pelo debate sobre a imagem e culminando na defesa da dissertação de mestrado *Festim Barroco* na pós-graduação em Antropologia Cultural da UFPE (1993). Este trabalho tornou-se um e-livro lançado no ano de 2008 (CORREA, 2008).

³ Entrevista intitulada “É preciso entender as redes e as ruas”, publicada na **Revista Fórum**, Edição 127, 22 de outubro de 2013: <http://www.revistaforum.com.br/2013/10/20/e-preciso-entender-as-redes-e-as-ruas/>

Parto então dessa dificuldade apontada, para compreender a natureza dessas deficiências no trabalho de análise da produção não só de conteúdos e imagens, mas de nossas relações práticas com as linguagens. Percebemos as repercussões desse alerta na pesquisa que empreendemos nesses últimos anos, e é o que vamos aprofundar aqui em alguns aspectos. Contudo, esse questionamento de Laymert dos Santos será suspenso por instantes, para ser retomado no desfecho dessa apresentação. No momento seguirei outras veredas que também ajudaram na construção desse percurso de análise sobre a produção imagética, seus usos políticos e culturais.

Apresentarei inicialmente o conceito de imagem que utilizamos, apoiado nos trabalhos de Serge Gruzinsky (1995) realizados a partir de pesquisa sobre a história do México, e em seguida vou regular o foco em casos específicos que ajudarão a tecer considerações mais precisas sobre a ordem de problemas que vamos tratar.

Sociedade das Imagens

O historiador francês Serge Gruzinsky⁴ abre seu livro sobre a Guerra das Imagens (1995) fazendo referência ao filme *Blade Runner: Caçador de Androides*, dirigido por Ridley Scott e lançado em circuito comercial em 1982. Os androides do filme são réplicas quase perfeitas de humanos criadas para executar tarefas perigosas em astros distantes. Esses replicantes se distinguem do ser humano por características genéticas que são implantadas, mas alguns deles estão dotados de uma “memória enxertada”. Essa “memória” se apoia em velhas fotografias, falsas lembranças destinadas a inventar e sustentar um passado que jamais existiu.

Para Gruzinsky o que chama de guerra das imagens talvez seja um dos maiores acontecimentos da atualidade moderna inaugurada com a Conquista da América. Uma guerra difícil de precisar seu início, pois abarca as lutas pelo poder, temas sociais e culturais, “cuja amplitude atual e futura somos incapazes de medir” (1995, p. 12).

Nesse nosso trabalho, recuperarei algumas definições e conceituações que o autor faz, nos servindo com propriedade para guiar a análise que é sugerida. Gruzinsky ressalta:

⁴ Serge Gruzinski, historiador francês especializado em temas latino-americanos, ligado a história das mentalidades. Realizou estudos sobre a imagem mestiça e seu ingresso na modernidade do México. Nos últimos anos realiza investigações sobre Brasil o Império português. Em 2015 se tornou o primeiro historiador a receber o Grande Prêmio Internacional de História, considerado o "Nobel" dessa disciplina.

Com o mesmo direito que a palavra e a escrita, a imagem pode ser veículo de todos os poderes e de todas as vivências. (...) O pensamento que desenvolve oferece uma matéria específica, tão densa quanto a escritura ainda que seja irredutível a ela; o que não facilita em nada a tarefa do historiador [ou semiólogo] obrigado a escrever sobre o indizível (1995, p. 13).

Dito isso, é preciso que não se entenda que nossa análise seguirá as linhas ortodoxas do pensamento figurativo, nem dos estudos sobre os conteúdos das imagens. O que vamos realizar brevemente é um exame dos programas e das políticas das imagens, o desenvolvimento das intervenções múltiplas que estão entranhadas nelas ou que antecipam os papéis que assumem numa dada sociedade. Portanto, não se trata de definir abstratamente a imagem. Mas, como adianta Gruzinsky, é preciso que se tenha em conta a história dos imaginários, sua globalidade e sua mobilidade. Destarte, não vamos fazer uma descrição sistemática das imagens apresentadas, privilegiando forma ou conteúdo, pois não se quer perder de vista uma realidade imagética que só existe na sua interação.

De acordo com esses propósitos o que nos interessa é a montagem política das imagens e como se alimenta a fascinação que exercem. São os cenários de festas e celebrações cívicas que oferecem inesgotáveis exemplos cenográficos, em consagrações e altares, grandes rituais, procissões, desfiles, quando invadem o campo visual, pontuando o espaço urbano, despejando por avenidas e ruas, com decorações gigantescas, decorações, dispendo de estrados, plataformas, arcos de triunfo, etc. Tudo isso no que atualmente se costuma chamar de a “festa da democracia” no Brasil⁵.

Concordando com as análises de Gruzinsky sobre a realidade mexicana, também consideramos que a forma de fabricação e de encenação da imagem em nossa sociedade segue o modelo Barroco, numa continuidade que alastra essa guerra das imagens por mais de cinco séculos, e que no Brasil se inicia com o Triunfo Eucarístico de 1733. Não se trata de fazermos um inventário desse longo transcorrer de lutas, mas de enfatizar com o autor citado que a “imagem barroca adota desde sempre uma função unificadora”.

Em países como o nosso em que se encontram populações de diversas origens e entre as quais a alfabetização foi precária e reduzida, o brilho e fascinação da imagem adquirem grande importância sociológica. E a fetichização da imagem barroca que se processa nesse contexto opera de duas maneiras: a) na ocultação da produção que gera a riqueza [exploração do trabalho]; b) ocultamento da origem humana da imagem [adquirindo caráter quase sagrado].

⁵ Esse termo aparece com frequência nas coberturas jornalísticas efetuadas durante o período eleitoral, quando são realizados diversos programas televisivos consagrando o sufrágio universal e direto no país.

A consequência disso é a montagem de um programa iconográfico que se instaura produzindo efeitos políticos evidentes. Sua eficácia simbólica e imagética é de extraordinário alcance, como podemos ver no decorrer do século XX na II Guerra mundial após os adventos da fotografia, cinema e televisão.

A imagem política estetizada adquire função retórica retumbante, como veremos em diferentes exemplos. A imagem codifica o sentido e a mensagem, cabe ao semiólogo decifrar esses códigos, sob pena de continuarmos submetidos ao seu feitiço e eficácia.

Assim, reafirmamos que não faremos um uso de um conceito abstrato de imagem, mas consideraremos a evolução de nossa relação política com a imagem, especialmente a imagem sobre a nação, sobre o país.

Interessa-nos então os usos pessoais e sociais da representação nacional e patriótica que foram e ainda são operados por dispositivos de controle subjacentes e em larga medida ainda inconscientes.

Nosso trabalho, a partir dos exemplos empíricos que vamos utilizar na análise, é compreender as articulações múltiplas do imaginário social, dando especial atenção para o princípio de culto das imagens: promoção de um caráter sagrado da imagem; particularmente quando ela avança sobre o espaço social da política.

Nossa questão de fundo é: como analisar o sentido da mudança ou manutenção do uso imposto a imagem política na atualidade?

Veremos que no caso da Ditadura Civil-Militar entre os anos de 1960-80 no Brasil o triunfo da imagética política repousa num esforço controlado do uso da coerção e repressão. Desde a conquista da Copa do Mundo de 1970, as autoridades se dedicaram basicamente em explorar de todas as maneiras possíveis o culto das imagens da vitória, em pleno recrudescimento do regime autoritário, período em que se cunha a expressão: “Pátria de chuteiras!”. Soma-se a isso o culto ao tal “Milagre econômico” de um país que crescia a taxas superiores a 5% ao ano. Tudo culmina nas comemorações do Sesquicentenário da Independência realizada com pompa triunfal; quando observamos a imagem do ditador General Geisel ser enquadrada ao lado do Imperador D. Pedro I. Em 1972 também ocorre evento simbólico de grande alcance imaginário, o traslado dos restos mortais do Imperador de Portugal para o Brasil.

A Maquinaria do Espetáculo

O antropólogo norte-americano Clifford Geertz nos seus estudos sobre o Estado-Teatro em Bali do século XIX escreveu: “O Estado ia buscar a sua força, que era deveras real, às suas energias imaginativas, à sua capacidade semiótica de fazer com que a desigualdade encantasse” (GEERTZ, 1991, p. 156), isto é, ocultando a exploração do trabalho e exaltando os efeitos tecnológicos e design da produção das imagens. Nada pode ser mais adequado para ilustrar esse raciocínio sociológico do que uma mirada no processo civilizatório brasileiro desde os tempos coloniais, com a já citada procissão do Triunfo Eucarístico no século XVIII, passando pelo período monárquico e do Estado Novo até a Ditadura Civil-Militar de 1964. A maquinaria do espetáculo como estratégia de persuasão e encantamento foi utilizada de modo sistemático e é a marca de nossa sociedade barroca.

Nesta apresentação não poderemos analisar a totalidade desse sistema semiótico tomando o vasto panorama histórico-cultural referido, mas poderemos pontuar momentos mais precisos e destacados.

A coleção de slides reunida para ilustrar esta apresentação aproxima todos nós de aspectos desenvolvidos nesse trabalho semiológico⁶. E nesse momento trago à reflexão a provocação de Roland Barthes na sua Aula de 1978, quando comenta: “Mas a língua, como desempenho de toda linguagem, não é reacionária, nem progressista; ela é simplesmente: fascista; pois o fascismo não é impedir de dizer, é obrigar a dizer” (BARTHES, 1978, p. 14). Obrigar a dizer, obrigar a ver, obrigar a falar...

É o momento então de recuperarmos as colocações de Laymert Garcia dos Santos, no seu livro intitulado *Politizar as Novas Tecnologias* (SANTOS, 2003), quando nos aponta que a tecnologia não é neutra, podemos entender melhor a eficácia mágica que certos dispositivos semiológicos são utilizados no espaço social e político. É o que percebemos dessas imagens expostas nos slides⁷. Vê-se que somos obrigados a dizer de determinado modo, e não de outro, o que representa o país para nós nacionais.

⁶ Coleção de slides a ser apresentada na ocasião da comunicação no VIII Seminário de Políticas Culturais da Casa Rui Barbosa, Rio de Janeiro, 2017.

⁷ Lista de casos empíricos referidos nos slides. Independência do Brasil – 7 de setembro; 150º Centenário da Independência usado pela Ditadura Civil-Militar para criar um ufanismo nacionalista que repercute até hoje no Brasil; o caso da propaganda na Ditadura – álbuns, logo-marcas, nacionalismo, patriotismo anti-esquerdista; o retorno dos símbolos da ditadura nas manifestações de 2014-16.

A Imagem Política na Atualidade

Como foi adiantado ainda a pouco, nossa questão de fundo é: como analisar o sentido da mudança ou manutenção do uso imposto à imagem política na atualidade? A esta questão somamos outra: de que modo se pode inaugurar uma nova fase na construção do imaginário democrático na sociedade brasileira, ainda excessivamente preso ao fascínio das imagens do poder autoritário e despótico? Eis o desafio de uma semiologia política que avance o projeto de uma ciência emancipadora.

Mas esse trabalho não começa do nada. Temos indicativos importantes de que já está se operando no tecido social uma sublevação dos significados políticos das imagens, dos monumentos, dos dispositivos de produção imaginária em geral. Estruturas de sentido atravessam diversos suportes de ação colonizadora que através dos séculos foram disseminados na sociedade. Vemos agora surgir questionamentos e resistências importantes a estas estruturas impostas na paisagem urbana, na arquitetura das cidades brasileiras. Todavia, como se verá, não só entre nós observamos estes enfrentamentos. Temos indícios interessantes de resistências imagético-políticas em outros países.

Os Monumentos Históricos são Intocáveis?

Como estamos num evento que foca as políticas culturais não poderíamos deixar de introduzir algumas reflexões sobre a encenação das memórias em monumentos históricos, museus e outros diversos espaços sociais e educacionais onde se opera batalhas da grande guerra das imagens invocadas nessa apresentação.

Desse contexto sobressai a pergunta: os monumentos históricos são intocáveis? A maioria dos especialistas e cultuadores do passado são ortodoxos e têm tomado uma posição canônica em relação a essa questão. Consideram verdadeiro sacrilégio e ato de vandalismo e barbárie qualquer “ataque” a estes símbolos entronizados nas paisagens urbanas. Entretanto, não é esse entendimento que vemos se desenvolver atualmente entre estudiosos mais heterodoxos. Observamos ultimamente uma postura interessante sobre a manutenção de nomes de personagens do passado ditatorial presentes em prédios públicos, ruas, viadutos, avenidas, estradas, etc. Tema que tem merecido destaque em debates recorrentes. Em São Luís observamos esse movimento com bastante interesse, quando observamos revisões

importantes acontecendo (CORREA, 2013). Mas foi um caso recente ocorrido em uma grande metrópole brasileira que acabou ganhando grande destaque. É o caso do *Monumento às Bandeiras* em São Paulo.

Podemos retomar os slides e refletir sobre a ação política e crítica implementada com relação aos monumentos históricos na atualidade, como as relações entre memória histórica, memória social e museus. Por ocasião de uma ação de manifestantes no referido monumento em São Paulo, uma publicação convidou um antropólogo e dois historiadores para responderem algumas perguntas sobre a manifestação ocorrida⁸. Havia a posição mais conservadora do especialista, de um lado, que considerava um ato de vandalismo inaceitável; uma posição mais intermediária que sugeria intervenções no espaço do entorno do Monumento, promovendo discussões e ressignificações; e de outro lado, a posição mais heterodoxa do antropólogo Eduardo Viveiros de Castro do Museu Nacional (UFRJ) que na sua conta no Twitter afirmou: “barbárie era exatamente o que os 'monumentos' comemoram. Aliás, todas as estátuas equestres que ornamentam nossas cidades deveriam ser pichadas (no mínimo)”. Observemos então os slides reunidos⁹.

O Franquismo e Colonialismo na Espanha

Para demonstrar que esse debate não se circunscreve a nossa realidade e que ocorre em outros países do nosso continente e de outros países até mesmo do Velho Mundo, como a Europa, citamos agora o caso do ataque à estátua do General Franco e das comemorações do 12 de outubro na Espanha, nesse ano de 2016. Na sequência dos slides apresentados encontramos um conjunto que aproxima duas realidades socioculturais diferentes. Os casos ocorridos no Brasil desde 2013 e o que vem acontecendo na Espanha igualmente nos últimos anos de conturbada movimentação política.

O caso espanhol é bastante significativo e de certa forma atinge estruturas históricas ainda mais profundas. Temos a memória da ditadura franquista num caso, e no outro as comemorações oficiais do dia da “raça” (expressão que também ocorre em São Luís), coincidindo com as comemorações pela “descoberta” da América, em 12 de outubro de 1492.

⁸ NEXO – Publicado, 07 Out 2016: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/10/07/Um-antrop%C3%B3logo-e-um-historiador-respondem-a-3-perguntas-sobre-a-tinta-jogada-no-Monumento-%C3%A0s-Bandeiras>

⁹ Exposição de imagens sobre: O caso do Monumento às Bandeiras em São Paulo – “vandalismo” contra monumento histórico, desde 2013; O Museu do Ipiranga como a casa da nação brasileira; Ataques aos monumentos históricos: Bandeiras e Borba Gato em São Paulo.

Os grupos de oposição ao *stablishment*, os movimentos separatistas e independentistas espanhóis lutam há muitos anos contra o culto da memória do General Franco e do Colonialismo na América. Investem numa reação política da oposição às comemorações históricas oficiais¹⁰: num caso contra o culto do despotismo sanguinário de Franco e no outro caso contra o culto do genocídio dos indígenas nas Américas. As oposições consideram:

El discurso de la hispanidad ha estado demasiado contaminado por el franquismo (...) argumenta[n] que el 12 de octubre se ha convertido en una fiesta "un poco vieja", "desfasada" y "antigua" y no cree que "sacar el Ejército a la calle sea la mejor forma de festejar el hermanamiento con los países latinoamericanos". (...) Quizá estaría bien hablar con "los demás países hispanohablantes para encontrar otra forma de celebrar" y tener, igualmente, un "gesto" con las comunidades indígenas. (...) No pintamos nada en el "Día de la Raza" (...) cada año reúne en Barcelona "al fascismo más reaccionario". (...) sería más adecuado que la fiesta nacional coincidiera con alguna efeméride republicana o que sirviera para homenajear por ejemplo, al líder anarquista Buenaventura Durruti, o al poeta Marcos Ana, el preso político del franquismo con más años de cárcel a sus espaldas. (...) Modernizar la fiesta sería "razonable" trasladarla al 6 de diciembre, Día de la Constitución...

Considerações Finais

No momento de iniciar o desfecho dessa apresentação, cabe recuperarmos aquele alerta de Laymert de Sousa Garcia trazido no início da palestra: “(...) A esquerda brasileira nunca ter[ia] feito a crítica de fundo da mídia. E nem da tecnologia. A posição de esquerda de partidos, sindicatos etc. é de que os meios são neutros e tudo depende de quem se apropria dessa técnica e, portanto, quando chegar o momento de a esquerda estar no poder, se faz uma inversão de signos.” Esse é um desafio e tanto, operar uma análise que coloque em cheque o próprio veículo, o meio, a mídia, e suas formas de encenação e colonização dos imaginários.

Observamos nos exemplos ilustrados nos slides que a eficácia mágica dessas imagens é real e concreta, pois vimos reaparecer nas ruas, ressurgindo de modo significativo nas manifestações políticas dos últimos três anos, imagens que se julgavam mortas e esquecidas. No caso das manifestações mais recentes foi consideravelmente inquietante vermos surgir imagens e slogans de mais de trinta anos atrás, colonizados há tanto tempo e que ainda testemunhamos produzir efeitos de mobilização de massa; como por exemplo, variações do lema: “ame-o, ou deixe-o”! Fica bem evidente que constatamos a eficácia da propaganda do período da ditadura civil-militar de um modo e alcance jamais esperado.

¹⁰ Europa Express - Publicado 09/10/2016 - 11:08:50: <http://www.europapress.es/nacional/noticia-podemos-socios-independentistas-compromis-contra-12-octubre-franquista-20161009110850.html>

É necessário vasculharmos nossos arsenais teóricos para compreender como “memórias enxertadas” há décadas podem ser reencenadas num período que considerávamos ter sido operado por descontinuidades profundas; como o processo de redemocratização e a consolidação da Constituição de 1988. É nesse contexto que o alerta de Laymert dos Santos se destaca. Houve uma infeliz negligência das análises semiológicas e políticas das imagens e do imaginário social. Além da própria análise sobre a tecnologia, que não é neutra, pois os veículos e o próprio meio carregam mensagens¹¹.

Com o fim desta reflexão ressaltamos a importância de avançarmos num estudo sobre as possibilidades de uma “política da visão” que nos ajude a ir além das “fotografias enxertadas” em nossas memórias sociais, como sugeridos nas referências aos trabalhos de Gruzinsky e na ficção de *Blade Runner*. Para evitarmos nos tornarmos androides replicantes de programas inoculados para ações não-reflexivas, tais como a que testemunhamos nos últimos anos nas ruas das grandes cidades brasileiras, necessitamos do exercício dessas análises críticas aprofundadas.

Alguns críticos severos ao observarem nas nossas ruas desfilar agrupamentos humanos com essas características anacrônicas designaram de modo negativo como ressurgências de “zumbis pós-modernos”. Certamente que é uma metáfora macabra que tenta dar conta de manifestações aparentemente desencaixadas ou desconectadas dos processos socioculturais contemporâneos democráticos e avançados. Aspecto sinistro que se encaixa perfeitamente no semblante mefistofélico de nosso atual ocupante do Palácio do Planalto, alguém que estamos a temer cada vez mais.

Talvez uma política da visão nos ofereça instrumentos para compreender as consequências do alerta da modelização e da estandardização do olhar em curso em nossa sociedade. Na qual o poder dos grandes conglomerados de mídia tem demonstrado força e eficácia. E como vimos não bastaria apenas trocar os signos e mensagens transmitidos, é preciso ir mais além na análise desse poder mágico e reticular. Como escreveu Laymert dos Santos (2003):

Quando a modernidade chega ao fim, o homem parece estar perdendo a capacidade de perceber e imaginar, isto é, de produzir as imagens que conferem sentido à sua experiência, parece estar abdicando do exercício da potência da percepção, do “eu posso” do olhar (p. 180).

¹¹ Sobre este aspecto Laymert Garcia dos Santos destaca na entrevista Demasiadamente Pós-Humano ao periódico *Novos Estudos*, n. 72, Julho 2005: “Acho que precisamos, no Brasil, de um estudo aprofundado sobre a questão da tecnologia como fetiche, de como ela é apropriada como uso suntuário e ostentação” (2003, p. 163).

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. *Aula*. São Paulo: Cultrix, 1978.

CORRÊA, Alexandre Fernandes. *A Imagem Barroca da Civilização Latinoamericana*. In: V SOLAR - Congresso da Sociedade Latino-Americana de Estudos sobre América Latina e Caribe. São Paulo. Resumo das Comunicações. São Paulo: EDUSP, 1992. v. 1. p. 15-16.

_____. *Festim Barroco: a festa dos prazeres*. São Luís: EDUFMA, 2008.

_____. *Teatro das memórias: ensaios sobre ação cultural na atualidade*. São Luís: EDUFMA, 2013.

GEERTZ, Clifford. *Negara: o Estado-Teatro no Século XIX*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1991.

GRUZINSKY, Serge. *La guerra de las imágenes: de Cristóbal Colón a “Blade Runner” (1492-2019)*. México DF: Fondo de Cultura Económica, 1995.

SANTOS, Laymert Garcia dos. *Politizar as novas tecnologia: o impacto técnico da informação digital e genética*. São Paulo: Ed. 34, 2003.